



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

“FICCIONALIZAÇÃO” DE SI: O CORPO EM CENA

COSTA, João Marcos¹; NASCIMENTO, Francisco Rivelino Oliveira²;

RESUMO: Essa pesquisa nasce da inquietação e do desdobramento das vivências de um corpo não-binário em devir e, que se utiliza da arte performática como forma de ensaio e/ou “ficcionalização de si”. A narrativa exposta nesta pesquisa se faz a partir de uma autoetnografia relatada como vivência do performer-atr-pesquisador João/Nicole, articulada com levantamento bibliográfico. Sendo levantadas problemáticas que abordou como o corpo não-binário é visto dentro do espaço de trabalho e no espaço acadêmico, assim como ele ocupa o espaço teatral onde suas experiências cotidianas são encenadas: no sentido de pôr-se-em cena com o intento de produzir visibilidade/resistência/estranhamento a um público enquadrado a uma visão-cena binária dos corpos e seus simbolismos.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo. Teatro. Não-binário.
INTRODUÇÃO

Essa pesquisa nasce da inquietação e do desdobramento das vivências de um corpo não-binário em devir, a partir das contradições que surgem diante dos padrões impostos na sociedade, e que se utiliza da arte performática como forma de ensaio e/ou a “ficcionalização de si” como campo de experiências outras. A narrativa exposta nesta pesquisa se faz a partir de uma autoetnografia relatada como vivência dx performer-atr-pesquisador João/Nicole que se apresenta tanto na sociedade como no teatro, através desta diáde intrinsecamente consubstanciada. Foi trabalhada a questão de, como o corpo não-binário é visto dentro do espaço de trabalho e no espaço acadêmico, assim também como ele/ela ocupa o espaço teatral onde suas experiências cotidianas são encenadas: no sentido de pôr-se-em cena com o intento de produzir visibilidade/resistência/estranhamento a um público enquadrado a uma visão-cena binária dos corpos e seus simbolismos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir de levantamento bibliográfico, assim como relato autoetnográfico dx atr-performace-pesquisador João/Nicole, tendo como lócus de pesquisa o âmbito de sociabilidade aonde o mesmo se insere, tendo como segmentos

¹. Graduando em serviço social pelo Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – campus/Iguatu/CE. E-mail: joaomarcoscosta_15@hotmail.com

². Graduando em serviço social pelo Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – campus/Iguatu/CE. E-mail: rivelino_101@hotmail.com



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

privilegiados: o teatro e, os espaços sociais aonde o/a mesma apresenta suas performances/intervenções. Como liga teórico-metodológica utilizamos os estudos queer, pôr nós possibilitar uma analítica não normativa, fornecendo assim uma visão mais prismática e plural do sujeito em sua multitudine.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A arte performática encontra nesse estudo uma particularidade crucial para seu desenvolvimento, pois, é justamente no limiar da “arte que imita a vida” que encontramos lócus de incursão para a possibilidade de uma “ficcionalização de si”³, acionando uma “performance” de gênero cambiante, – a não-binária – transitando entre o “real” e o “ficcional”, borrando as fronteiras, limites, normas e convenções de gênero. Para isso buscamos subterfúgio no teatro, como também, na arte performática. Neste sentido, utilizamos como tela empírica, o agenciamento⁴ subversivo em questionar/desnaturalizar os enquadramentos cisheteronormativos que a arte e o teatro podem e devem problematizar. O teor eminentemente político/teatral que a arte performática suscita, possui a potência de pôr em movimento dimensões cristalizadas, fomentando uma releitura crítica da história, cultura e das convenções socialmente estabelecidas. Sendo assim;

O teatro é uma das mais antigas atividades humanas. Em praticamente todas as culturas existem manifestações que podem ser configuradas como “encenações”: no sentido de “pôr-se em cena”. Segundo as mais variadas compreensões, é o lugar da arte; do ritual; da construção de uma ética; de proposições estéticas; de reunião política de uma assembleia (PIMENTEL, 2016, p. 135).

³. “Tem-se, portanto, um terreno ficcional com dois maestros, duas vozes enunciadoras, duas subjetividades de naturezas, pelo menos a princípio, distintas: o humano e o animal” (PIMENTEL, 2007, p. 84) . Por esse prisma apreendemos o teatro como propiciadora de ensaios de “si mesmos”, projetando um tensionamento nos perfis “modelares” que acionam signos de gênero balizados em uma dimensão binária e cisheteronormativa, ao mesmo tempo que, acionam um “eu” ficcional que verter um sujeito/corpo original.

⁴. Adotamos o termo aqui com a seguinte concepção: “[...] a forma como os sujeitos negociam seus desejos com as normas e convenções morais em voga, portanto como algo situacional e dinâmico que pode preceder a ação e envolve, inclusive, a construção social do desejo” (MISKOLCI, 2017, p. 27).



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

Esse espectro político que a arte teatral produz, é âmbito de criação de “[...] manifestações que valem como terreno de luta política e humana por direitos [...]” (PIMENTEL, 2016, p. 135), como sínteses potentes e multifacetadas de denúncias e resistências aos itinerários de violências e invisibilidades. Ao tratar de invisibilidades, não podemos deixar de trazer à tela o corpo e/ou o sujeito não-binário para discussão. A questão é tão importante que a discussão sobre não-binariedade é quase que totalmente esquecida nas produções acadêmicas sobre gênero e, até mesmo dentro dos estudos queer. Por mais que esse campo de estudo sistematize a crítica as identidades fixas, como o sistema oposicional e binário sexo-gênero, homem-mulher, feminino-masculino, homossexuais/heterossexuais, as pesquisas e estudos que tratem especificamente sobre o termo “não-binário” ainda são bastante escassos. Como relato autoetnográfico sobre uma “ficcionalização de si” não-binária entende-se:

Não sou homem nem mulher, as vezes em alguns momentos me sinto parcialmente homem, em outros parcialmente mulher e as vezes não me sinto nada descritível, me sinto apenas eu. Diante de pessoas específicas, muitas vezes, meu gênero varia também ou tende a se estabilizar. De um modo geral, socialmente minha expressão de gênero é neutra, não suporto isso de unissex. Então, para mim a não binaridade está ligada ao conceito base, o não encaixe na binaridade imposta pela sociedade, mas além disso, vejo como algo político, vejo também como um impulso pra se encontrar e se (re) construir enquanto corpo em trânsito, uma hora estou aqui, outra ali, e posso muito bem estacionar por um tempo em determinado lugar. (JOÃO/NICOLE, 2018).

Esse deslocamento identitário, flúido e até certo ponto situacional revela também uma subjetividade cambiante, uma transitividade no corpo, gênero e no espaço. Ou melhor dizendo, o corpo não-binário é o ponto nodal de intersecção de gêneros múltiplos, sexualidades dissidentes, em uma composição “somatopolítica” (PRECIADO, 2018, p. 167).



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

A ideia de performance adotada neste estudo por mais que se ancore na corrente Butleriana de pensamento, procuramos ampliar esse conceito confrotando-o com a produção da arte performática dx atxr-performance-pesquisadx não-binário João/Nicole através de uma repetição consciente de si, que busca romper com a ideia “natural” binária de produção de corpos, gêneros, sexualidades e subjetividades cristalizadas em moldes fixos. Sendo assim; “o ato de exteriorizar conduz ao entendimento tramatizado de um personagem em ação que finge, na maior parte do tempo, ser o que é. (BRAVO, 2015, p.114-115).

A ideia de um corpo intransigente, subversivo e, principalmente não convidado por uma matriz cisheteronormativa exterioriza a abjeção intimamente subjetivada em um corpo, revelando do seu mais íntimo âmago as suas expressões somatopolíticas silenciadas por esse regime disciplinador. Sendo assim, a arte performática dx atxr – performance – pesquisadx João/Nicole segundo x próprix é:

utilizada como uma forma de se construir e desconstruir dentro dessa não-binaridade de gênero, porém, sempre me utilizo da personagem feminina como forma de confrontar o público que mim assiste e como forma de experimentação do que eu possa vir a ser – um corpo processo em devir. No entanto, a “personagem” Nicole tomou uma corporificação para além dos palcos do teatro, passando a está presente em todas as esferas da minha vida. Hoje, a Nicole se tornou a atriz que encena outras personagens, mas que na sociedade performa ela mesma, encarando minha não binaridade de gênero como uma forma de descobrir o que eu venha a ser, a Nicole se tornou tão presente na minha vida, que de personagem ela passou a ser a atriz, e a performance dela está hoje nas ruas, no meio social, talvez seja isso, talvez no meio desse trânsito eu venha a parar e continuar a rota como a Nicole (JOÃO/NICOLE, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fechamento desse estudo que apresentamos de forma introdutória e, tendo clareza de que aqui não tomamos conclusões definitivas, - uma vez que acreditamos que toda pesquisa possui limitações e, portanto, apresentam impressões parciais. Sobretudo, ressaltamos alguns elementos que inter cruzam vivências, experiências e principalmente



*Universidade Regional do Cariri (URCA)
Campus Maria Violeta Arraes de Alencar
Gervaseau, Crato/CE, Brasil
ISSN-*

narrativas de “si”, denunciando posições historicamente silenciadas e invisibilizadas, mas também, evocam um tom que versa sobre formas de “autopercepção” transformando a abjeção de seus corpos e existências em atos e performances políticas. Neste sentido, as formas de experienciar, experimentar e assumir posições identitárias e/ou não identitárias de gênero, tem tomado espaço nunca antes visto - e tomar espaço significa disputar poder-, sendo assim como nos diz Foucault “O poder, longe de impedir o saber, o produz” (1982, p. 84) e, isso nos dá a impressão de quê os espaços de visibilidades estão surtindo efeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAVO, Juliana. Do “Eu” ao “Outro”: a estilização do corpo queer. Revista de Estudos Interdisciplinares em Gênero e Sexualidades-Periódicus, Salvador, n.3, v. 1, mai.-out. 2015.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. -1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora (Argos, 4), 2017.

_____. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.-2. ed. rev. e ampl., 3. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. (Série Cadernos da Diversidade; 6).

PIMENTEL, Renata. Dos Corpos – Epifanias ou Corpos Processos: o pós-gênero e o teatro de Copi. In COLLING, Leandro (org.). Dissidências Sexuais e de Gênero. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 134-151.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: nº 1 edições, 2017.